

Espaços do português e do espanhol na tríplice fronteira: análises preliminares

Thiago Bolivar¹

Resumo: Com o objetivo de comprovar a hipótese – nascida de observações informais – de que o Português teria um ‘valor’ sociolinguístico mais alto que o Espanhol, na região conhecida como a ‘Tríplice Fronteira’, este trabalho busca traçar um quadro preliminar do alcance das duas línguas na região, envolvendo determinados espaços interativos nas cidades de Puerto Iguazú (Argentina), Foz do Iguazú (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai). Para tal, conduzimos investigações de campo na região, seguindo a metodologia clássica das pesquisas sociolinguísticas ‘rápidas e anônimas’, tais como descritas por Labov (1984). Os resultados revelaram que, localmente, o Português permeia as fronteiras do Estado Brasileiro, tendo ampla penetração em Ciudad del Este e em Puerto Iguazú, enquanto que o Espanhol, à diferença, ocupa poucos espaços em Foz do Iguazú. O quadro obtido, assim, parece apontar para uma situação de desigualdade no escopo e no prestígio das línguas pesquisadas, dentro do contexto específico.

Palavras-chave: Contato linguístico Português-Espanhol. Tríplice Fronteira. Acomodação comunicativa.

¹ Mestre em Linguística e docente na UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana).

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 15	n. 25	p. 267 - 283	Recebido em: 6 jun. 2013. Aprovado em: 1 ago. 2013.
-----------------------------	----------------------	-------	-------	--------------	--

1 FRONTEIRAS NACIONAIS E LINGUÍSTICAS

1.1 Fronteiras gerais

Um dos fatos mais evidentes para qualquer indivíduo que conte com um mínimo de conhecimento sobre estudos de Sociolinguística e Dialetoлогия é que as fronteiras linguísticas – em que pesem os diversos esforços nesse sentido, ao longo de tempo e espaço – nem sempre estão conformes às fronteiras nacionais tradicionalmente associadas às mesmas.

Os conceitos de ‘língua materna’ e de ‘dialecto’ (contraposto a ‘língua’), porque problematizáveis de diversas maneiras, tornam a discussão complexa. Talvez possamos sumarizar o entendimento do senso-comum, com respeito aos dois conceitos, da seguinte forma: a ‘língua materna’ seria aquela falada por todos os indivíduos que compartilham o pertencimento a um determinado grupo nacional, enquanto que um ‘dialecto’ seria, provavelmente “um sotaque”, ou “uma forma regional” da ‘língua’. Fica claro como, nessa visão leiga, os dois conceitos acabam por interrelacionar-se desta maneira: “a língua ‘*Italiano*’ é a língua materna de quem nasce no país ‘*Itália*’”. O que tal discurso faz, acima de tudo, é conformar o espaço do que seja a ‘língua’ ao traçado de determinadas fronteiras nacionais; e, mais além, homogeniza linguisticamente o território delimitado por tal traçado.

Sabemos, no entanto, que qualquer análise séria, mesmo que informal, irá revelar que, em primeiro lugar, é comum que haja diversos grupos dentro de fronteiras nacionais – minoritários, caso se queira; mas nem sempre é o caso – que utilizam, no âmbito doméstico ou até mesmo em suas interações em contexto ‘regional’, línguas que não são aquelas identificadas e oficializadas como ‘a língua do país’; e, dando sequência, a diferença entre ‘língua’ e ‘dialecto’, juntamente com a subordinação do segundo conceito ao primeiro, é uma questão de ordem muito mais social que linguística: é, enfim, uma consideração arbitrária e artificial.

Para ilustrar especialmente o segundo ponto acima mencionado, podemos tomar o exemplo da fronteira nacional entre a Holanda e a Alemanha, e sua relação com as variedades linguísticas faladas nos dois países: Wardhaugh (2010) afirma que

as variedades linguísticas ditas ‘do Alemão’ ou ‘do Holandês’, faladas ao longo da linha imaginária que atualmente divide as nações, podem ser consideradas muito mais próximas entre si do que as variedades faladas em outras regiões dos mesmos países. Ou seja, para uma alemã da zona fronteira mencionada, seria teoricamente muito mais fácil comunicar-se – em sua variedade de língua – com uma cidadã holandesa também fronteira, que com uma compatriota alemã de Berlim ou de Munique.

Bourdieu (2008), a fim de ilustrar o processo de consolidação do que chama de *língua legítima* de um Estado Nacional, comenta o caso da unificação das variedades dialetais da França, que foram sujeitadas e referidas ao ‘padrão francês’ constituído como a variedade falada na Île de France (em Paris). Em um país de unificação mais tardia, como a Itália, não se fala simplesmente em um ‘Italiano com sotaque do norte’ ou ‘do sul’ – como seria possível, certamente, no caso da França com relação ao idioma nacional – mas, decididamente, em ‘dialetos regionais’ que são ‘dialetos *italianos*’, mais que ‘do Italiano’, e que têm nome: o Bergamasco e o Trentino, no norte; o Siciliano no sul, entre tantos outros. Na Espanha pós-franquista, que, livre de repressões relacionadas, viu reavivado o interesse em bens culturais regionais, o termo aplicado ao Basco, ao Catalão, ao Galego e ao Valenciano é o de ‘língua’.

No caso do continente Americano – e enfocando apenas as línguas de colonização, que acabaram, salvo raras exceções, sendo as únicas reconhecidas como ‘nacionais’, em um processo que invisibilizou e até mesmo proibiu línguas autóctones e de imigração – é certamente mais fácil (embora não mais correto) aceitar a subordinação de dialetos a uma determinada norma nacional: o termo empregado para a referência a estes é quase sempre o de ‘sotaques regionais’. De forma mais ou menos generalizante, fala-se em um ‘sotaque do Sul dos EUA’; em um ‘de Pernambuco’, ou, ainda, em um ‘de Buenos Aires’; e, embora falantes argentinas possam apontar que o Espanhol de Mendoza (cidade argentina ao sopé dos Andes) esteja mais próximo de variedades chilenas que da variedade portenha (lembrando o caso das fronteiras entre Holanda e Alemanha, ou entre o Holandês e o Alemão), estamos falando de dois países cuja língua oficial é a mesma. O caso da

fronteira holandesa certamente não se repete entre o Inglês e o Espanhol na fronteira texana, mas algo similar pode ser visto entre o Espanhol e o Português na fronteira seca entre o Uruguai e o Rio Grande do Sul: é possível que uma falante carioca ou baiana caracterize o ‘Português do Rio Grande do Sul’ como ‘mais espanholizado’ que as demais variedades regionais do Português Brasileiro, tomando como consideração critérios lexicais e fonológicos; mas, para traçar um paralelo mais válido, teremos que ir além, e tomar o caso dos dialetos portugueses falados ao norte do Uruguai (ver BARRIOS, 2008, em discussão abaixo) como um exemplo da fronteira frequentemente tênue e borrada dos usos linguísticos, em contraposição à fronteira sempre rígida e nítida dos Estados Nacionais.

Com esta breve discussão, buscamos introduzir o tema da circulação de línguas dentro de, e através de, fronteiras nacionais – aproximando-nos gradativamente das fronteiras entre o Brasil e países hispanofalantes, e entre ‘a língua’ do Brasil e ‘a língua’ desses países. É sobre essa relação específica que recai o foco deste trabalho.

Nosso objetivo, aqui, é o de compor um quadro inicial dos espaços de circulação do Português e do Espanhol na chamada ‘Tríplice Fronteira’ entre Brasil, Paraguai e Argentina; ou, mais especificamente, de como essas línguas permeiam as fronteiras nacionais da região. Para tal, utilizaremos primordialmente dados de um trabalho de campo envolvendo interações orais, além de alguns resultados de observação de usos escritos. Tais dados serão expostos e analisados na seção 3. Antes disso, porém, acreditamos ser necessário fazer um percurso mais aprofundado pelo Brasil e suas fronteiras (nacionais e linguísticas) meridionais – o que virá a seguir.

1.2 Fronteiras específicas

O ‘cone’ formado pela metade meridional da América do Sul serviu de denominador para um organismo político-econômico que juntou em bloco quatro de seus países: Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil. O Mercosul, antes da mais recente adesão da Venezuela, juntava as três repúblicas oficialmente his-

panofalantes (uma delas com o acréscimo do Guarani) a uma oficialmente lusofalante que respondia por aproximados quatro quintos da população total do bloco.

O peso e a influência de uma língua em um determinado contexto – desde regional até mundial – não pode ser medido apenas com base no número total de falantes, como lembra Hammel (2008): se assim o fosse, o Inglês estaria em franca desvantagem frente ao Chinês, quando o que temos, hoje em dia, é a situação oposta. Portanto, a população massiva do Brasil (e teoricamente a de lusofalantes) frente às populações menores de países oficialmente hispanofalantes, não bastaria para que indicássemos uma posição de preponderância do Português frente ao Espanhol em um contexto local – embora seja exatamente esse o quadro apontado pelo presente estudo.

Mundialmente, é difícil negar a posição de destaque ocupada pelo Espanhol: os países que o têm como idioma oficial estão espalhados por quase todos os continentes; e, da superpotência que são os Estados Unidos, pode ser considerado a segunda língua. É inegável a contribuição ao mundo artístico e científico realizada em Espanhol ao longo dos últimos séculos, e, nesse contexto, o Português, em que pese a recente ascensão do Brasil no âmbito da economia e em certas instâncias da política mundial, parece ter atualmente menos força.

No universo do Cone Sul que mencionamos, no entanto, a situação pode ser modificada localmente devido a uma série de fatores: além da população muito maior que a dos vizinhos somados, o PIB do Brasil representa, de acordo com dados de 2011 do Fundo Monetário Internacional (ver referência), mais de 82% do total entre os quatro países, e, desde pelo menos o começo da década passada, encontra-se com a economia relativamente forte e consolidada, com moeda valorizada frente às demais. O país tem despontado como um líder regional, o que seguramente traz consequências para o peso relativo de sua língua oficial no contexto, e para o traçado das fronteiras em que esta circula.

Claro que, se compreendermos que o prestígio de uma (variedade de) língua depende do prestígio social de que gozam seus falantes, e que este fator, por si, costuma estar ligado a flutuações de ordem econômica, concluiremos que o prestígio linguístico

está fadado a sofrer variações ao longo das épocas.

Barrios (2008), ao tratar dos dialetos Portugueses falados no norte do Uruguai, próximo às zonas de fronteira com o Rio Grande do Sul, demonstra como, até há bem pouco tempo, tais variedades (às vezes referidas em conjunto como *el Portuñol*) eram fortemente estigmatizadas dentro do país, chegando mesmo a ser combatidas oficialmente durante a última ditadura militar, como usos que, além de desprestigiados, eram ‘antipatrióticos’ e ameaçavam a soberania nacional. A autora aponta para uma recente mudança de paradigma, impulsionada não tanto por campanhas de reconhecimento e valorização do ‘Portuñol’ em si, mas porque, por exemplo, “*en los considerandos del Acta de creación de los Centros de Lenguas Extranjeras [de Uruguay] se indica (...) la importancia de Brasil en el mundo científico, tecnológico y artístico, además del tema del MERCOSUR*” (BARRIOS, 2008, p. 92).

Recentes pesquisas realizadas na província argentina de Corrientes (TREVOR; GONZÁLEZ, no prelo), em áreas lindas com o Rio Grande do Sul, apontam a entrada do Português na região – utilizado no dia a dia, no trato com clientes brasileiros que chegam para fazer compras; mas também através das telenovelas e programas de rádio, cujos sinais são captados na zona fronteiriça. As autoras, além disso, atestam uma certa resistência à institucionalização do uso do Português nesses locais (por exemplo, como língua ensinada nas escolas), já que é visto pela população como ‘invasivo’, sendo que o Guaraní é citado, pelos mesmos sujeitos, como “verdadeira língua provincial”, ao lado do Espanhol.

O caso de Corrientes, que acabamos de mencionar, certamente difere da situação do norte do Uruguai, com respeito aos motivos da resistência ao Português: no caso anterior, tínhamos atitudes negativas frente a uma variedade não-padrão, que remetia a falantes rurais e desprestigiados; e agora, o que temos é aparentemente uma resistência a uma língua cada vez mais forte, com características de ‘globalizadora’, ainda que funcione como tal apenas em um contexto regional. A situação correntina, no que diz respeito aos modos e às razões pelas quais o Português se expande além de uma fronteira nacional, parece ter traços comuns com a situação que identificamos na Tríplice Fronteira, e

que iremos descrever agora.

2 O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NA 'TRÍPLICE FRONTEIRA'

2.1 O espaço geográfico

A região a que chamamos 'Tríplice Fronteira' é aquela formada pelo encontro dos territórios nacionais do Paraguai, da Argentina e do Brasil. As cidades lindeiras, que formam os vértices do triângulo, são Ciudad del Este, no Paraguai; Puerto Iguazú, na Argentina, e Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, no Brasil.

A presença das Cataratas do Iguaçu, entre o Brasil e a Argentina, contribui para fazer da região um dos principais destinos turísticos do mundo. Além disso, a Tríplice Fronteira atrai outro tipo de visitante: brasileiros (em geral) que vão às compras em Ciudad del Este, atraídos pelas diferenças marcantes nos preços das mercadorias, se comparados àqueles que se praticam no Brasil com relação a produtos idênticos. Esse dado, de importância para nossa pesquisa, também acaba fazendo com que Foz do Iguaçu apareça frequentemente, na mídia brasileira, como local associado ao contrabando e ao submundo do tráfico de mercadorias diversas, entre elas as drogas ilícitas. Não é incomum, como até agora temos podido comprovar em caráter informal, que brasileiros de diversas regiões associem Foz do Iguaçu a contrabando, e o Paraguai (o país como um todo), à origem de produtos falsificados e ilegais. Puerto Iguazú, no lado argentino, provavelmente produzirá outro conjunto de associações, se empiricamente investigada nesse sentido: é uma cidade menor, se comparada às duas vizinhas; e é o destino de brasileiros (sejam eles moradores de Foz do Iguaçu ou turistas das diversas regiões que visitam as Cataratas) que buscam, por exemplo, um jantar 'de qualidade', com um 'bom' vinho argentino, para encerrar as atividades do dia.

A região, de povoamento relativamente tardio, pode ser considerada linguisticamente rica: línguas de imigração 'recente', como o Árabe, o Mandarim e o Coreano (a que contrapomos as de imigração 'antiga', como o Alemão, o Italiano e o Polonês), são utilizadas especialmente em Ciudad del Este e em Foz do Igua-

çu. O Guaraní, uma das línguas oficiais do Paraguai, tem ampla utilização em Ciudad del Este, e, em menor escala, também em Foz do Iguazu e em Puerto Iguazú. Neste trabalho, no entanto, enfocamos apenas questões relativas ao Português e ao Espanhol.

2.2 Questões pesquisadas

O sujeito lusófono que estiver em Puerto Iguazú ou em Ciudad del Este deverá notar o quão presente sua língua está nesses lugares. Primeiramente, poderá chamar a atenção a evidência escrita do Português, nos mais diferentes locais e com as mais diversas finalidades – destacando-se, porém, o contexto comercial. Se, posteriormente, tal sujeito buscar a atenção de moradores locais, especialmente comerciantes, irá perceber a relativa facilidade com que o idioma circula, também oralmente, ali.

Foram tais percepções que motivaram a realização deste trabalho. Se Foz do Iguazu apresentasse o mesmo tipo de relação com o Espanhol, talvez a questão dos espaços ocupados pelos dois idiomas na região não tivesse despertado nosso interesse de forma tão imediata; porém, observações informais revelaram justamente o contrário: vendedores do comércio Iguazuense não pareciam ser capazes de se expressar em Espanhol, e a língua na forma escrita aparentava ter uma circulação muito limitada no território do município.

Com o objetivo de comprovar empiricamente tais hipóteses, e assim dar um primeiro passo na composição de um quadro que revelasse as fronteiras linguísticas na Tríplice Fronteira, saímos a campo em duas frentes de pesquisa: primeiramente, para o simples registro e análise de enunciados escritos em Português e em Espanhol, em espaços públicos e privados de Ciudad del Este, Puerto Iguazú (no primeiro caso) e Foz do Iguazu (no segundo); e, posteriormente, para atestar a capacidade de comunicação oral de sujeitos locais, nas línguas investigadas.

3 METODOLOGIAS DE PESQUISA

A observação de enunciados escritos não demandou grandes preparativos ou considerações teóricas, já que envolveu,

simplesmente, a anotação de registros, sua classificação quanto ao nível de proficiência demonstrado ('alto' se não apresenta interferências visíveis de outra língua; 'baixo' se tais interferências transparecem), e sua posterior classificação quanto à finalidade (alertar, auxiliar, atrair, etc.). O período de observações oficiais ficou compreendido entre outubro de 2012 e março de 2013.

Por outro lado, a pesquisa de campo (realizada no mesmo período especificado acima) inseriu-se em uma investigação específica sobre o fenômeno da *acomodação comunicativa* na Tríplice Fronteira. Descreveremos aqui a fundamentação teórica e os procedimentos dessa ação específica.

A Teoria da Acomodação Comunicativa teve como um de seus principais proponentes Howard Giles (conferir, por exemplo, GILES et al., 1991), e seus preceitos foram aplicados pela primeira vez em estudos canadenses (Lambert, 1967, entre outros) em Psicologia Social e comunicação bilíngue, que objetivavam aferir atitudes linguísticas dirigidas a grupos francófonos e anglófonos no país, além de observar padrões de convergência e divergência comunicativa. Moreno Fernández (2005) explica, a esse respeito, que

la convergencia es una estrategia comunicativa que los hablantes siguen para adaptarse a una situación y al habla de sus interlocutores; para ello se maneja una larga serie de elementos lingüísticos. La divergencia, por su vez, es un procedimiento por el que los hablantes acentúan sus diferencias lingüísticas y comunicativas respecto de otros individuos. Estos procesos se dan durante la interacción social.

Los objetivos que determinan la conducta convergente de los hablantes son la aprobación social por parte del oyente, la mejora de la eficacia comunicativa y el mantenimiento de las identidades sociales positivas. (...) La divergencia es buscada por aquellos que quieren mantener la distancia social y lingüística respecto de individuos que pertenecen a grupos sociales diferentes. (MORENO FERNÁNDEZ, 2005, p. 155).

Um dos objetivos específicos da pesquisa foi verificar o que ocorreria, em uma situação de interação oral, se sujeitos-vendedores do comércio das três cidades fossem confrontados com um cliente que não falasse uma das línguas oficiais do país; ou seja,

que empregasse exclusivamente o Português em Ciudad del Este e em Puerto Iguazú, e somente o Espanhol em Foz do Iguaçu.

Para executar o trabalho, seguimos a metodologia de ‘pesquisa rápida e anônima’ (*‘rapid and anonymous survey’*) descrita por Labov (1984) e empregada em vários de seus trabalhos sociolinguísticos. Utilizamos uma pesquisadora paraguaia hispanofalante para coletar dados em Foz do Iguaçu, e uma pesquisadora brasileira lusofalante para fazer o mesmo em Ciudad del Este e em Puerto Iguazú. A mecânica da coleta pode ser considerada bastante simples: a pesquisadora principal (segundo o caso), aproximava-se, junto à equipe, de sujeitos no interior de locais selecionados, e esperava ser atendida. Fazendo então perguntas sobre produtos, horários de funcionamento e pedindo indicações diversas, entre outras estratégias comunicativas, buscava prolongar o diálogo com o sujeito – que não era informado, nesse momento, sobre a pesquisa – e aferir o grau de convergência, de sua parte, na direção do ‘outro’ idioma. Em determinado momento, perguntava também a nacionalidade do sujeito, a fim de garantir que os dados relativos a cada cidade fossem produzidos somente por cidadãos nativos do país. Foram coletadas, dessa forma, 30 interações com sujeitos-vendedores em cada uma das três cidades.

A consideração sobre convergência ou divergência nas interações foi normalizada em uma escala de três níveis, como segue: a) Convergência (alta/total): o sujeito fala a língua da pesquisadora, seja com pequenos erros, seja com fluência; b) Resultado parcial: o sujeito demonstra conhecer algumas palavras ou fórmulas de atendimento, usando-as sempre que possível, e procura seguir a conversa utilizando isoladamente palavras da língua da pesquisadora; c) Divergência (alta/total): o sujeito não fala a língua da pesquisadora, ou é meramente capaz de saudar ou agradecer nessa língua. A fim de facilitar uma posterior quantificação, atribuiu-se um valor de $+1$, *zero* e -1 , respectivamente, para as situações descritas em *a*, *b* e *c*.

É claro que há espaço para julgamentos subjetivos em tal esquema. Porém, para minimizar tal problema, buscamos que as interações se dessem sempre dentro do campo auditivo da equipe composta por três pesquisadores, que julgaram cada resultado em conjunto; e praticamente nunca houve espaço para desacordo

entre os três, o que indica uma afinação de critérios e solidez de julgamentos.

Como não controlamos previamente o fator de bilinguismo individual entre os sujeitos, dado o formato da pesquisa, a mesma acaba diferindo de trabalhos clássicos na mesma temática que utilizam somente sujeitos considerados bilíngues²: em tais casos, pode-se falar em divergência ‘clássica’ se um sujeito se recusa a convergir na direção de uma língua que conhece. De qualquer forma, se considerarmos que os dados deste trabalho foram coletados em um contexto no qual *convém* ao sujeito convergir e utilizar a língua da pesquisadora em seu papel de cliente estrangeira – já que assim a eventual venda de um produto estaria mais garantida – podemos inferir que, provavelmente, os sujeitos que não efetuaram a convergência tiveram tal comportamento devido a uma incapacidade de falar a ‘outra’ língua. Ao identificarmos onde estão os mais ou menos capazes de fazê-lo, estaremos lançando uma luz sobre as fronteiras de cada língua no contexto regional. Apresentaremos, a seguir, os dados coletados.

4 ANÁLISE DE DADOS

4.1 Dimensão escrita

Ao longo dos meses de observação, pudemos identificar um padrão que diferencia Foz do Iguaçu dos outros dois vértices da Tríplice Fronteira, no que diz respeito à presença da ‘outra’ língua (Português ou Espanhol) em enunciados escritos ‘para o público’ em espaços públicos e privados. O esquema abaixo procura sintetizar tais diferenças:

** Português escrito, em Ciudad del Este e em Puerto Iguazú: mais ou menos ‘frequente’; baixo ou médio nível de fluência; maioria de enunciados com funções de atrair sujeitos ou de oferecer-lhes indicações diversas.*

** Espanhol escrito, em Foz do Iguaçu: ‘escasso’; baixo nível de fluência; maioria de enunciados com funções de alertar sujeitos ou impor-lhes proibições.*

² Um exemplo de grande estudo na área de Acomodação Comunicativa que tampouco controla tal fator durante a coleta de dados em campo é o de Lawson; Sachdev (2000) na Tunísia.

Em atrações turísticas, como os parques nacionais que abrigam as Cataratas do Iguaçu, é comum encontrar informações repetidas na língua local e em dois outros idiomas (Inglês e Português ou Espanhol, segundo o caso); em locais ‘óbvios’, como em placas de aduanas ou letreiros de casas de câmbio, a ‘outra’ língua também aparece. No entanto, quando nos movemos além, as diferenças começam a aparecer.

Os locais comerciais de Puerto Iguazú e de Ciudad del Este costumam empregar o Português em cartazes com explicações sobre produtos. Muitas vezes, restaurantes oferecem menus em que consta o Português, sendo que em Ciudad del Este registramos o caso de uma lanchonete que produziu um menu exclusivamente nessa língua. Em geral, busca-se atrair o cliente lusofalante e tornar seu percurso mais fácil, pelo menos no que diz respeito às compras. Com respeito a tais funções, registramos apenas uma exceção no comércio de Puerto Iguazú: uma loja de produtos alimentícios que expunha, diante de compartimentos de frutas vendidas a granel, o enunciado “*por favor não experimentar as frutas*”, aparentemente sem que o comerciante sentisse a necessidade de expor o equivalente em Espanhol.

Em Foz do Iguaçu, à exceção dos locais já mencionados, tivemos grande dificuldade em encontrar enunciados escritos em Espanhol. Na verdade, nossas observações produziram somente dois resultados: i) sinalizações de trânsito, comuns às zonas fronteiriças brasileiras, com os dizeres “*¿está en duda? no se adelante*” (que pretende traduzir “ultrapasse somente com segurança”); ii) um pequeno cartaz em uma confeitaria, com o enunciado (*ipsis litteris*) “*no se acepta targetas de crédito*”. Em ambos os casos, está presente o ‘não’, que busca evitar que o interlocutor cause problemas para si e para a coletividade.

Um dos fatores que sem dúvida chamam a atenção é o nível baixo de fluência na língua estrangeira escrita, que parece ser um padrão em todos os vértices da Tríplice Fronteira: os enunciados quase sempre apresentam erros de grafia que se devem à influência de outra língua. Mesmo nos enunciados de boas-vindas e recomendações aos viajantes, nas proximidades das aduanas, é possível encontrar – e de forma icônica – tal fenômeno, que pa-

rece atestar a falta de diálogo, nessas situações específicas, com o sujeito que vem da outra margem do rio. Em vez de consultá-lo ou mesmo pedir-lhe que corrija o enunciado, apela-se exclusivamente para fontes locais.

4.2 Dimensão oral

A pesquisa de campo que descrevemos anteriormente, e que enfocou os espaços comerciais da Tríplice Fronteira, revelou diferenças marcantes na distribuição de usos bilíngues em Ciudad del Este, Puerto Iguazú e Foz do Iguazu.

A figura 1, abaixo, apresenta os resultados totais para cada cidade, segundo a consideração ‘convergência’, ‘resultado parcial’ ou ‘divergência’, envolvendo 30 sujeitos:

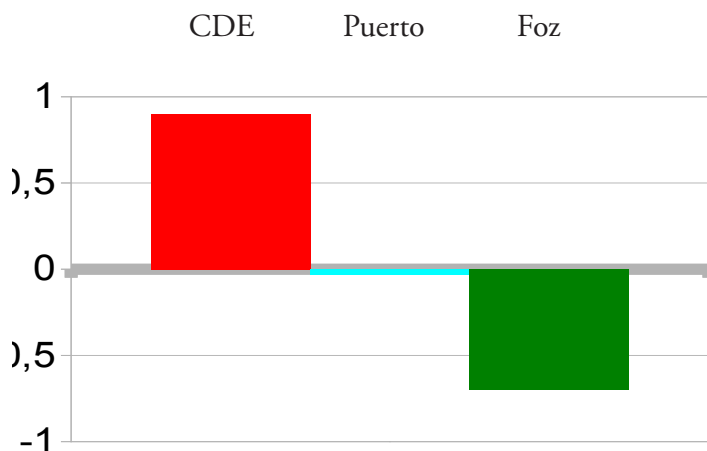
Figura 1: Acomodação Linguística Português/Espanhol no comércio da Tríplice Fronteira.

tipo de acomodação	Ciudad del Este	Puerto Iguazú	Foz do Iguazu
convergência	28	9	3
resultado parcial	1	11	3
divergência	1	10	24

Pode-se perceber uma Ciudad del Este quase que totalmente bilíngue Espanhol-Português, dentro da amostragem, e uma Foz do Iguazu essencialmente monolíngue. A cidade de Puerto Iguazú fica a meio-caminho entre os dois padrões.

A representação gráfica abaixo, que levou em conta a quantificação dos dados segundo apresentada na seção 2.3, poderá facilitar a visualização do quadro:

Figura 2: Representação gráfica dos níveis de convergência (+1) e divergência (-1) comunicativa no comércio da Tríplice Fronteira, envolvendo o Português e o Espanhol.



Considerando que um resultado de +1 indicaria convergência total, por parte de todos os sujeitos, enquanto que -1 revelaria divergência no mesmo caso, fica mais clara a tendência bilíngue Português-Espanhol de Ciudad del Este. Foz do Iguaçu aparece praticamente como o espelho invertido dessa cidade.

Conclusões

Acreditamos que os dados de que dispomos, ainda que limitados a certos contextos de interação, atestam de forma inequívoca que o Português permeia as fronteiras nacionais brasileiras no universo pesquisado, ocupando diversos espaços em Ciudad del Este (com mais força) e em Puerto Iguazú (com relativamente menos força). O Espanhol, à diferença, parece ter muito pouco poder de penetração sobre a fronteira de Foz do Iguaçu, em um quadro que revela uma desigualdade entre as línguas nesse aspecto.

Aparentemente, o brasileiro (e especificamente o trabalhador do comércio) não sente a necessidade de aprender e/ou falar Espanhol em seu cotidiano, seja porque o fluxo de turistas ou clientes hispanofalantes lhe parece pouco significativo, seja porque espera que estes, em suas interações orais, é que deverão fazer o esforço para compreender sua língua (mesmo em um contexto onde a lógica parece ditar o contrário, levando em conta as relações mais básicas entre cliente e vendedor). Uma das explicações

possíveis para tais atitudes é a visão de maior prestígio ou ‘valor’ sociolinguístico atribuído ao Português na Tríplice Fronteira, o que nos faz traçar paralelos com a economia dos países falantes das línguas, e de seu poderio regional.

As consequências trazidas por tal quadro podem ser diversas. Firmando-se ou não o Brasil como liderança política e econômica regional, poderemos testemunhar uma penetração ainda maior e mais intensa do Português nos territórios argentinos e paraguaios da Tríplice Fronteira; ou, quem sabe, encontrar resistências ao processo, como no caso de Corrientes (TREVOR; GONZÁLEZ,[2011]), e como as que registrou Barrios (2008), na declaração de um de seus sujeitos uruguaios fronteiriços: “*los brasileiros no hablan español, por eso debemos hablar español*”. Quem sabe, ainda, poderemos ver sujeitos brasileiros aprendendo e utilizando o idioma Espanhol em Foz do Iguaçu, assim personificando um estilo de liderança que não busque simplesmente ditar padrões e normas a serem seguidos por um bloco de nações, mas sim estimular o conhecimento e a valorização, por igual, de todos os bens culturais de todas as nações que busquem agrupar-se a seu redor.

Este trabalho se firma, de qualquer forma, apenas como um primeiro passo na resolução das questões que envolvem o contato linguístico na região. Uma investigação completa sobre o tema pedirá, ainda, estudos sobre atitudes linguísticas e representações ou imaginários de ordem nacional por parte de sujeitos (sejam eles bilíngues Português-Espanhol ou não) da Tríplice Fronteira.

Espacios del portugués y del español en la triple frontera: análisis preliminares

Resumen: Con el objetivo de comprobar la hipótesis – nacida de observaciones informales – de que el Portugués tiene un ‘valor’ sociolingüístico más alto que el Español, en la región conocida como la Triple Frontera’, este trabajo busca componer un

cuadro preliminar del alcance de ambas las lenguas en la región, involucrando las ciudades de Puerto Iguazú (Argentina), Foz do Iguazu (Brasil) y Ciudad del Este (Paraguay). Para ello, dirigimos investigaciones de campo en la región, siguiendo la metodología clásica de investigaciones ‘rápidas y anónimas’ según descripción de Labov (1984). Los resultados revelan que, en ámbito local, el Portugués sobrepasa las fronteras del Estado Brasileño, con amplia penetración en Ciudad del Este y en Puerto Iguazú, mientras que el Español, en cambio, ocupa pocos espacios en Foz do Iguazu. El cuadro que así obtenemos parece indicar una situación de desigualdad en el alcance y en el prestigio de las lenguas investigadas, dentro del contexto específico.

Palabras-claves: Contacto lingüístico Portugués-Español. Triple Frontera. Acomodación comunicativa.

Referências

BARRIOS, G. Discursos hegemónicos y representaciones lingüísticas sobre lenguas en contacto y de contacto: Español, Portugués y Portuñol fronterizos. In: DA HORA, D.; De LUCENA, R. M. (Orgs.). *Política linguística na América Latina*. João Pessoa: Ideia, 2008.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 2008.

GILES, H. et al. (Eds.). *Contexts of accommodation*. Cambridge: University of Cambridge Press, 1991.

HAMMEL, R. E. La globalización de las lenguas em el siglo XXI entre la hegemonía del inglés y la diversidad lingüística. In: DA HORA, D.; De LUCENA, R. M. (Orgs.). *Política linguística na América Latina*. João Pessoa: Ideia, 2008.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. Hipertexto. Disponible em: <<http://www.imf.org/external/data.htm> >. Acceso em: 30 maio 2013.

LABOV, W. Field methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (Eds.). *Language in use: readings in sociolinguistics*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

LAMBERT, W. E. A Social Psychology of Bilingualism. *Journal of Social Issues*, v. 23, p. 91-108, 1967.

LAWSON, S.; SACHDEV, I. Condeswitching in Tunisia: attitudinal and behavioural dimensions. *Journal of Pragmatics*, v. 32, p. 1343-1361, 2000.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 2005.

TREVOR, P.; GONZÁLEZ, L. C. *Una aproximación a la realidad sociolingüística de Gobernador Virasoro, Corrientes*. [2011]. (Artigo no prelo).

WARDHAUGH, R. *An introduction to Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.